



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – CLPL**

**O GÊNERO TIRINHA COMO REPRESENTAÇÃO DA CULTURA E IDENTIDADE
SURDA: Caso “That Deaf Guy”**

FRANCIEDINA APARECIDA SOARES VIEIRA

Catolé do Rocha – PB

2014

FRANCIEDINA APARECIDA SOARES VIEIRA

**O GÊNERO TIRINHA COMO REPRESENTAÇÃO DA CULTURA E IDENTIDADE
SURDA: Caso “That Deaf Guy”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV da Universidade Estadual da Paraíba –UEPB, como um dos requisitos para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof.º Esp. José Marcos Rosendo de Souza

Catolé do Rocha – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

V657g Vieira, Franciedina Aparecida Soares

O gênero tirinha como representação da cultura e identidade surda: [manuscrito] : caso "that deaf guy" / Franciedina Aparecida Soares Vieira. - 2014.

33 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2014.

"Orientação: Esp. José Marcos Rosendo de Souza, Departamento de Letras e Humanidades".

1. Identidade. 2. Cultura e identidade surda. 3. Gêneros Textuais. I. Título.

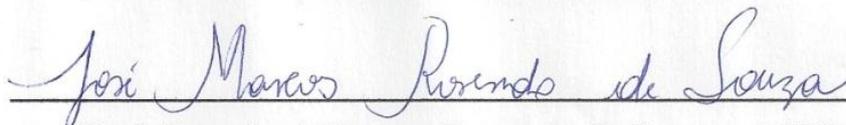
21. ed. CDD 410

FRANCIEDINA APARECIDA SOARES VIEIRA

**O GÊNERO TIRINHA COMO REPRESENTAÇÃO DA CULTURA E IDENTIDADE
SURDA: Caso “That Deaf Guy”**

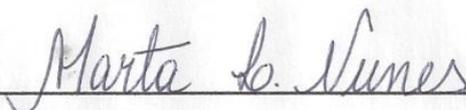
Aprovada em: 22 de Julho de 2014.

BANCA EXAMINADORA



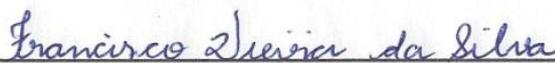
Prof. Esp. José Marcos Rosendo de Souza – UEPB

Orientador



Prof.^a Msc. Marta Lúcia Nunes – UEPB

Examinadora



Prof. Msc. Francisco Vieira da Silva - SEE/PB

Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar ao meu Deus por ter me dado: saúde, graça e sabedoria.

A minha família: meu pai Francisco e minha mãe Francisca, que sempre me compreenderam, incentivaram, apoiaram e me deram palavras de ajuda e incentivo. Obrigada por fazerem de mim o que sou hoje! Aos meus irmãos: Tiago e Elionai, em especial a minha irmã Franciêlda, que foi uma das minhas inspirações para esse trabalho. Cabe lembrar que ela é surda e por estar inserida nesse mundo multicultural, me motivou ainda mais a essa pesquisa. Ao meu namorado Fabricio que a todo o momento me apoiou com palavras de ajuda e incentivo. Amo vocês!

Aos amigos e colegas de turma, 2010.2, em especial às colegas Rosineide e Alzira. Alzira que sempre esteve presente durante a minha vida, temos compartilhado muitos momentos juntas.

A todos que fazem parte do corpo docente da academia de Letras, que contribuíram para a minha vida acadêmica, em especial ao meu orientador, Professor José Marcos Rosendo de Souza, obrigada pela dedicação, atenção, responsabilidade e paciência para com o meu trabalho. Que Deus abençoe, esse grande exemplo de educador que tive o privilégio de conhecer.

Enfim, agradeço a todos que direta e indiretamente contribuíram e compartilharam da minha vida acadêmica.

O que importa a surdez da orelha, quando a mente ouve? A verdadeira surdez, a incurável, é a da mente.

Ferdinand Berthier.

RESUMO

Durante muito tempo, a surdez foi considerada como maldição e doença, contribuindo para a exclusão dos indivíduos surdos, que até então eram vistos como indivíduos deficientes e incapazes de realizar algumas tarefas, como falar e escrever. No entanto, com o surgimento e reconhecimento da língua de sinais, os surdos passaram a possuir uma forma de comunicação, através da qual eles também obtêm meios para construir suas identidades como sujeitos capazes e pertencentes a uma cultura diferente, a cultura surda, que é expressa na sua maneira de falar. E trazendo isso para a realidade da diversidade de gêneros textuais, na atualidade, esses estão sempre presentes na vida dos indivíduos podendo até representá-los e interferir na construção da sua identidade. Assim sendo, este estudo pretende analisar os traços da cultura e da identidade surda nas tirinhas “That deaf guy”, postadas em uma página de uma rede social denominada “Surdalidade”. Desse modo, esse estudo desenvolve-se através de uma análise realizada, especificamente, fundamentado nos conceitos de Hall (2005), Marcuschi (2005) e Gesser (2009), dentre outros autores, abrangendo conceitos de identidade e como acontece a sua construção, cultura e identidade surda e algumas considerações sobre gêneros textuais como representação social. Desse modo, esperamos que essa pesquisa possa contribuir para o reconhecimento do indivíduo surdo como um ser social, independentemente de sua surdez.

Palavras-Chave: Identidade. Cultura e Identidade Surda. Gêneros Textuais.

ABSTRACT

For a long time, the deafness was regarded as a curse and disease, contributing to the exclusion of individuals who are deaf, which until then were seen as individuals disabled and unable to perform some tasks, such as speaking and writing. However, with the emergence and recognition of sign language, the deaf came to possess a form of communication, through which they also obtain means to build to their identities as subjects capable of and belonging to a different culture, deaf culture, which is expressed in its manner of speaking. And bringing it to the reality of the diversity of genres, in actuality, these are always present in the lives of individuals and could even represent them and interfere in the construction of their identity. Therefore, this study aims to analyze the traits of culture and deaf identity in comics "That deaf guy". posted on a page of a social network called "Surdalidade". Thereby, this study develops through an analysis undertaken, specifically, based on the concepts of Hall (2005), Marcuschi (2005) and Gesser (2009), among other authors, covering concepts of identity and how its construction, culture and deaf identity and some considerations about text genres as social representation. In this way, we hope that this research may contribute to the recognition of the individual deaf as a social being, regardless of his deafness.

Keywords: Identity. Deaf culture and identity. Text Genres.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tirinha 1.....	p. 24
Tirinha 2.....	p. 26
Tirinha 3.....	p. 27
Tirinha 4.....	p. 28
Tirinha 5.....	p. 29
Tirinha 6.....	p. 30
Tirinha 7.....	p. 30

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	09
1. IDENTIDADES: CONCEITOS E CONSTRUÇÃO.....	11
1.1 Considerações sobre identidades.....	11
1.2 Cultura e Identidade Surda.....	15
2. O GENERO TIRINHA COMO REPRESENTAÇÃO DA CULTURA E IDENTIDADE SURDA	22
2.1 Os gêneros Textuais como Representação Social.....	22
2.2 Os traços da cultura e da identidade surda apresentada nas tirinhas: análise.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	33

APRESENTAÇÃO

As identidades são constituídas de acordo com o contexto social, ou seja, é na interação com os sujeitos que nos cercam que construímos nossas identidades enquanto sujeitos sociais, sabendo que, ela é forjada também com base na história e na cultura que nos cerca, isto é, incorpora traços característicos da nossa cultura social como: crenças, valores, comportamentos e ações. Salientando que em meio a essa cultura a língua falada também é uma característica forte, a qual interfere na identidade dos sujeitos.

Partindo disso, de que a identidade é construída no social e tem como enfoque a cultura e a história, justifica-se o nosso interesse em analisar a identidade e a cultura surda nos gêneros textuais, essencialmente nas tirinhas “That deaf guy”, postadas por uma página do *Facebook* denominada “Surdalidade”.

Como principal fator elencado nesta justificativa, destaca-se o fato de que vivemos em uma sociedade, na qual, os gêneros textuais estão presentes na vida dos indivíduos, podendo até interferir na construção da identidade desses sujeitos. Partindo desse pressuposto, deteremos-nos em analisar os traços da cultura e identidade surdas através das tirinhas postadas na página de uma rede social, para isso, analisaremos como essas tirinhas representam a identidade surda e qual imagem da cultura surda, ela repassa.

Esta pesquisa bibliográfica de cunho analítico teve como propósito analisar qual a imagem do surdo e da sua cultura é transmitida nas tirinhas postadas pela página e como eles são representados.

Assim, esse estudo desenvolve-se à luz dos estudos de Hall (2005) e Silva (2012), por tratarem da questão da identidade e como acontece sua construção. Salles *et al* (2004), Cialdine (2012) Gesser (2009), que abordam em seus estudos a identidade e a cultura surda, as dificuldades enfrentadas pelos surdos, porém enfatizam o quanto esses indivíduos são capazes. Marcuschi (2005) e Mendonça (2005), os quais discutem sobre os gêneros textuais.

O presente trabalho está dividido e organizado nos seguintes tópicos: *I Identidades: Conceito e Construção*, no qual teceremos considerações sobre Identidade, nos detendo ao conceito e a forma como ela é construída; e também sobre Identidade e Cultura surda. *II O gênero Tirinha como Representação da cultura e identidade surda*, discutiremos sobre os gêneros como representação

social e em seguida, a nossa análise referente às tirinhas, das quais, selecionamos as que em nossa opinião possuíam mais poder argumentativo.

1 IDENTIDADES: CONCEITO E CONTRUÇÃO

1.1 Considerações sobre identidades

O homem enquanto sujeito social é constituído por uma ou várias identidades, as quais, durante o decorrer do tempo se modificam e incorporam novos atributos culturais, uma vez que ela é construída através da cultura que nos rodeia, e assim como ela é transformada e modificada, as nossas identidades também se refazem e se renovam a cada dia.

Como nos afirma Hall (2005), a teoria social vem discutindo vastamente a questão da identidade e tem argumentado essencialmente que está ocorrendo um declínio nas antigas identidades, que estabilizaram por bastante tempo o mundo social, surgindo assim novas identidades e fragmentando o sujeito moderno que até agora era visto como um ser unificado.

Dessa forma, podemos compreender que há algum tempo atrás a identidade era estável, porém devido a esse declínio, surgiram identidades novas e o homem uniforme se transformou em um ser fragmentado, formado por várias identidades, ou seja, o homem enquanto sujeito social é constituído por várias identidades, as quais, a todo o momento assumimos uma (s) diferente(s).

Uma grande dificuldade no estudo sobre identidade está pautada na falta de um conceito preciso e específico, pois segundo Hall (2005), não existe um conceito suficiente que defina de forma complexa e consistente o que podemos entender por identidade.

No entanto, contrapondo-se a essa dificuldade em definir a noção de identidade estabelecida por Hall (2005), Castells (2000, p. 22), busca definir identidade descrevendo-a de maneira mais precisa e clara quando ele afirma que: “Entendo por identidade o processo e construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados”. Desta forma, a identidade seria a significação que construímos de nós mesmos, ou de quem somos através da(s) cultura(s) que nos rodeia, uma vez que ela influencia de forma precisa e constitui-nos enquanto sujeitos sociais.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Ferreira (2000) *apud* Silva (2005) coloca que a identidade é uma classe dotada de uma dimensão pessoal, mas também política e social, de maneira que não se pode apresentá-la como algo

estável, mas em contínuo processo de construção. Isto é, forjamos nossas identidades baseadas no nosso mundo interior, bem como também no social, o qual interfere terminantemente na maneira como a construiremos. Sendo assim, podemos afirmar que a identidade pode ser combinada, ou seja, uma combinação do pessoal com o social, devido a isso ela não é um objeto concreto e pronto, mas um artifício em constante construção, que a qualquer instante pode mudar e se renovar.

A maneira como Ferreira (2000) *apud* Silva (2005) concebe identidade, segue a mesma lógica que Hall (2005, p. 11) descreve a do sujeito sociológico uma vez que ele afirma:

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônoma e auto-suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava.

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público.

Desse modo, o sujeito sociológico é constituído identitariamente combinando o seu mundo particular e o mundo social que lhe cerca, ou seja, ele não é capaz de formar sua identidade por ele próprio, mas necessita das pessoas e do mundo que está ao seu redor.

Porém, não podemos afirmar com precisão se a identidade sempre foi mista, tendo em vista que Hall (2005, p.10-11) buscando conceituá-la também descreve além do sujeito sociológico, o sujeito pertencente ao Iluminismo, o qual:

Estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia...

Segundo esse conceito, o indivíduo possuía uma identidade pronta, no qual ele próprio era o responsável pela construção de sua identidade, ou seja, ela não era mista, no Iluminismo o homem era capaz de desenvolver sua identidade sem a socialização com as pessoas ou a cultura que lhe rodeava, desta forma, a

construção da identidade do sujeito iluminista era individualista, desenvolvida puramente no seu núcleo interior.

No entanto, Hall (2005, p.12) afirma que: “O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades”.

No decorrer da história, a maneira de se compreender a construção da identidade dos sujeitos sofreu algumas mudanças, desde uma identidade estável até se chegar ao sujeito moderno possuidor de uma identidade fragmentada, ou seja, o sujeito que até então era visto como um ser capaz de desenvolver uma identidade permanente e invariável está se transformando em um ser composto por várias identidades, um sujeito fragmentado. Vale salientar que, essas modificações na construção da identidade, talvez, se devam as mudanças históricas enfrentadas e vivenciadas pelos sujeitos sociais no decorrer de sua existência.

Surgindo dessa transformação, o sujeito pós-moderno, o qual Hall (2005) descreve como um indivíduo que não possui uma identidade essencial, permanente ou fixa. Desta maneira, o autor ainda afirma que a identidade se tornará uma celebração móvel, a qual é formada e transformada constantemente, com relação às maneiras pelas quais os sistemas culturais que estão ao nosso redor, nos representam.

Assim, o sujeito pós-moderno é um ser não possuidor de uma identidade concreta e pronta, mas possuidor de várias identidades transitórias e sujeitas a mudanças decorridas pela cultura que o rodeia.

Sobre a identidade como um objeto em transição e sujeito a mudanças e transformações, Sousa Santos (2000, p. 135) faz a seguinte afirmação:

Sabemos, hoje que as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas, como a de mulher, homem, país africano, país latino-americano ou país europeu, escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis, em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que, de época para época, dão corpo e vida a tais identidades. Identidades são, pois, identificações em curso.

Dessa forma, podemos afirmar que as identidades culturais mudam com o decorrer do tempo, isto é, assim como o meio cultural agrega novos valores e

significados, a identidade dos sujeitos também se modifica e incorpora novos valores sociais. Até mesmo algumas identidades que aparentam serem sólidas e imutáveis se modificam, como por exemplo, a identidade surda que há muito tempo possuía uma concepção diferente da atual, por volta do século XVI, os surdos eram considerados seres que não tinham nenhum valor, deficientes e muitos os consideravam como seres malditos, porém no decorrer da história, foram surgindo grupos defensores da cultura e da causa surda, advindo também à língua de sinais que fortificou a cultura surda e assim o surdo ganha uma nova identidade, passa a ser visto apenas como um ser dotado de uma diferença expressa na sua maneira de falar, já que ele fala através da língua de sinais. (GESSER, 2009)

Como fala Sousa Santos (2000), vivemos um constante processo de descontextualizações e recontextualizações de identidades. Nessa linha de pensamento, Hall (2005) nos afirma que a identidade inteiramente unificada, segura, completa e coerente, nada mais é do que uma fantasia. Isto é, falarmos em identidade como um objeto pronto e inabalável, seria imaginarmos uma irreabilidade.

Dubar (2005) entende a construção das identidades através de dois processos complexos: aquele que procura expor a identidade para si e para o outro. Pois para Dubar (2005, p. 137) “Cada indivíduo é identificado por outrem, mas pode recusar essa identificação e se definir de outra forma.” Ou seja, a nossa identidade é estabelecida conforme o que pensamos ser, bem como a visão do que o outro pensa sobre nós, desta forma, podemos aceitar a identidade proposta pelas outras pessoas como também a renegarmos e a definirmos de uma maneira diferente.

Devido a esse motivo, Dubar (2005, p. 135) afirma-nos que “a identidade nunca é dada, ela é sempre construída e deverá ser (re)construída em uma incerteza maior ou menor e mais ou menos duradoura”. Ou seja, se a nossa identidade é forjada de acordo com o pensamento que temos sobre nós e também sobre aqueles que nos rodeia, talvez esse seja um dos motivos de não a concluirmos, e a construirmos baseada na incerteza, haja vista, não conseguirmos saber completamente o pensamento do outro a nosso respeito.

Seguindo essa mesma lógica, Hall (2005) nos assegura que a identidade surge pela falta de inteireza que é preenchida a partir do nosso exterior, ou seja, através da maneira pela qual nós imaginamos ser vistos pelas outras pessoas, e não somente pela perfeição da identidade que existe no nosso interior como indivíduos.

A respeito do processo de construção da identidade, Silva (2005) ressalta que mesmo havendo várias abordagens sobre identidade, existe na atualidade um traço comum entre as variadas áreas do conhecimento, o qual concebe a identidade como algo que está em construção, a qual ocorre a partir da interação social, tendo como intermediárias deste processo a história e a cultura.

Assim sendo, podemos afirmar que a identidade do sujeito atual está em contínuo processo de construção, podendo ser modificada e reconstruída a qualquer momento, uma vez que ela é forjada através da interação social, intercalada pela cultura e a história e da mesma forma que elas se transformam com o passar do tempo, a identidade dos sujeitos também se modifica e renova-se no decorrer das épocas.

1.2 Cultura e identidade surda

Podemos compreender cultura como o meio através do qual as pessoas incorporam ações, comportamentos, crenças e valores, sendo essas características peculiares entre os integrantes de um povo ou uma nação, as quais estarão presentes no dia-a-dia desses sujeitos, bem como na construção de suas identidades, devido ela ser construída com base no mundo social e com a contribuição da história e da cultura, na qual esses indivíduos estão inseridos.

Com o intuito de confirmarmos a colocação feita anteriormente, estabeleceremos alguns conceitos de cultura. Iniciaremos vendo o que nos diz dois dicionários de Língua Portuguesa: O Aurélio e o Houaiss.

Segundo o dicionário Aurélio (2001, p. 197) Cultura é:

2 O complexo dos padrões de comportamentos, das crenças, das instituições, das manifestações artísticas, intelectuais e etc., transmitidos coletivamente, e típicos de uma sociedade. 3. O conjunto de conhecimentos adquiridos em determinado campo...

Já de acordo com o Houaiss (2004, p.204) cultura é definida como:

4. Conjunto de padrões de comportamento, crenças, costumes, atividades, etc., de um grupo social. 5. forma ou etapa evolutiva das tradições e valores de um lugar ou período específico; civilização 6. conhecimento, instrução.

Ou seja, são os traços comuns de uma sociedade em geral ou de um grupo social distinto, bem como os seus conhecimentos transmitidos de geração a geração, através dos quais os seus membros constroem seus pensamentos e suas identidades particulares e coletivas.

Na tentativa de conceituar cultura, Nardi (2002,p.04) enfatiza que:

A cultura é um processo cumulativo de conhecimentos e práticas resultante das interações, conscientes e inconscientes, materiais e não-materiais, entre o homem e o mundo, a que corresponde uma língua; é um processo de transmissão pelo homem, de gerações em gerações, das realizações, produções e manifestações, que ele efetua no meio ambiente e na sociedade, por meio de linguagens, história e educação, que formam e modificam sua psicologia e suas relações com o mundo.

Desta forma, a cultura é o conjunto de conhecimentos gerados na interação entre o homem e o seu meio social, sejam eles materiais e imateriais, ou seja, podem ser tradições, crenças e valores, os quais interferem na construção da identidade dos sujeitos, uma vez que ela é construída em conformidade com o mundo social, tendo como base a história e a cultura.

Nessa mesma linha de pensamento, Salles *et al* (2004) enfatizam que é através da cultura que uma comunidade se constitui, unifica e identifica as pessoas e lhes concede o carimbo de identidade, de pertinência. Sendo assim, existindo uma cultura surda, esta auxilia as pessoas surdas a construírem sua identidade.

Assim, a identidade do homem enquanto sujeito social é constituída com base na história e na cultura, em se falando de identidade surda não é diferente, visto que havendo uma cultura surda, essa facilitará os surdos a forjarem suas identidades, não como seres deficientes, mas diferentes, ou seja, eles construirão suas identidades como sujeitos participantes de um universo cultural diferente, o qual é representado pela sua maneira de falar, ou seja, pelo uso da língua de sinais para comunicar-se.

Ao falar em cultura surda, Skliar (1998) *apud* Salles *et al* (2004,p. 39), nos explica que:

Falar em cultura surda como um grupo de pessoas localizada no tempo e no espaço é fácil, mas refletir sobre o fato de que nessa comunidade surgem processos culturais específicos é uma visão rejeitada por muitos, sob o argumento da concepção da cultura universal monolítica.

Deste modo, muitos não aceitam o termo cultura surda pelo fato de existir uma cultura universal que abrange a todos, sendo assim a cultura surda seria uma subcultura, isto é, apenas um grupo de pessoas subordinadas à cultura dominante, a ouvinte, dessa forma os surdos seriam considerados seres inferiores por não participarem do mundo ouvinte.

Sobre essa afirmação Anderson (1994) *apud* Salles *et al* (2004) coloca, que os antropólogos e sociólogos veem a cultura surda apenas como uma subcultura, por outro lado os líderes surdos e os cientistas rejeitam essa denominação sob o argumento, de que sub significa que os valores de um grupo são subordinados a outros.

Nessa mesma lógica, Salles *et al* (2004) nos afirmam que, ao discutirmos sobre cultura surda, estaremos envolvendo também a questão da identidade, uma vez que um surdo demonstrará se ele realmente está próximo ou distante de sua cultura, dependendo de qual identidade ele assume em meio à sociedade.

Em busca de uma definição para identidade surda Perlin (1998) *apud* Salles *et al* (2004,p.41) estabelece cinco tipos, são elas: identidade flutuante, identidade inconformada, identidade de transição, identidade híbrida, e identidade surda.

- Na **identidade flutuante** o surdo se espelha na representação dominante do ouvinte, ou seja, ele passa a agir e viver em conformidade com o mundo ouvinte.

Sendo assim, ele passa a se manifestar como se fosse um ouvinte, pois algumas de suas atitudes e maneira de agir são idênticas aos ouvintes, ele não age de acordo com o mundo no qual ele deveria estar inserido, o mundo surdo, ele se rende a cultura dominante e ao invés de utilizar a língua de sinais passa a fazer uso da leitura labial para comunicar-se.

- Na **identidade inconformada** o surdo não consegue compreender a representação da identidade dominante, a ouvinte, e se sente pertencente a uma identidade inferior.

Isto é, por não fazer parte da cultura prevalecente (a ouvinte), o surdo desenvolverá sua identidade como um ser inferior, pois não consegue comunicar-se usando a língua oral, e na maioria das vezes, ao tentar comunicar-se dessa maneira e não ser compreendido, ele irá sentir-se como um ser incapaz e totalmente inferior.

- Na **identidade de transição** “O contato dos surdos com a comunidade surda é tardio, o que os faz passar da comunicação visual-oral (na maioria das vezes truncada) para a comunicação visual sinalizada - o surdo passa por um conflito cultura.”.

Deste modo, quando o surdo mantém contato com a comunidade surda, ele já havia desenvolvido a comunicação oral para se comunicar com as demais pessoas e ao conhecer a sua língua natural, a língua de sinais, ele passa por um conflito cultural, pois é necessário adaptar-se ao seu novo modelo de comunicação, aquele que lhe devia ser o natural.

- A **identidade híbrida** é desenvolvida nos surdos que nascem ouvintes e se ensurdecem, esses desenvolverão as duas línguas, ou seja, na dependência ele desenvolvera a língua de sinais e no pensamento estará presente a língua oral.

Dessa forma, o ouvinte que depois de algum tempo perde a audição desenvolverá as duas línguas: a de sinais e a oral; a de sinais estará presente no momento da sua fala e a oral no seu pensamento, ele pensa na língua oral e fala na língua de sinais.

- Já os surdos que desenvolvem a **identidade surda** são aqueles que se assumem viver num mundo visual e desenvolvem sua experiência na língua de sinais. Esses são representados por discursos, nos quais são vistos como sujeitos culturais, seres capazes, esse tipo de identidade só pode ser desenvolvida no espaço cultural dos surdos.

Esse modelo de identidade considera o sujeito surdo como um ser capaz de desenvolver as mesmas atividades dos ouvintes, os quais são vistos como seres que possuem apenas uma característica diferente, manifesta na sua maneira de falar, pois ao invés de utilizar a língua oral, ele utilizará a língua visual (a língua de sinais) para se comunicar. Vale salientar, que esse tipo de identidade só pode ser desenvolvida no surdo, que logo cedo se integra em uma comunidade surda, pois nos encontros surdos surgem as comunidades nas quais eles obterão apoio cultural.

Conforme Santana e Bergamo (2005, p. 567):

O que ocorre, na verdade, é que, em contato com outro surdo que também use a língua de sinais surgem novas possibilidades interativas, de compreensão, de diálogo, de aprendizagem, que não são possíveis apenas por meio da linguagem oral.

Nesse sentido, o surdo desenvolverá a identidade surda com mais facilidade, se possuir algum contato com outras pessoas surdas que também tenham o conhecimento da língua de sinais, pois, se comunicando com alguém pertencente ao mesmo mundo cultural, do qual ele também faz parte, facilitará na construção de uma identidade surda.

Nesse sentido Salles *et al* (2004,p. 41) ressaltam que:

A preferência dos surdos em se relacionar com seus semelhantes fortalece sua identidade e lhes traz segurança. É no contato com seus pares que se identificam com outros surdos e encontram relatos de problemas e histórias semelhantes às suas: uma dificuldade em casa, na escola, normalmente atrelada à problemática da comunicação.

Dessa maneira, ao se comunicar com outros pertencentes ao mesmo grupo cultural, eles perceberão que as dificuldades enfrentadas por estes são iguais e assim, forjarão suas identidades como seres que possuem apenas uma maneira diferente de comunicação, visto que utilizam o mundo visual para se expressarem.

Vale salientar, que durante a história, nem sempre os surdos foram vistos como seres que possuem uma característica diferente. Nesse sentido, por volta do século XV e XVI, eles eram discriminados, inclusive alguns foram crucificados. Como nos afirma Cialdine (2012,p.11) “Durante esse período, as pessoas adoravam a perfeição do corpo e da mente. Aqueles que não nasciam perfeitos eram deixados

para morrer ou mesmo sacrificados. Os raros sobreviventes eram tratados como animais.”

Assim sendo, podemos afirmar que no mundo antigo ser surdo era sinônimo de maldição, era uma condenação a uma vida de sofrimentos e rejeições, ou seja, a uma vida de miséria.

A esse respeito Silva (2009, p.02) afirma que:

Os Romanos privavam os surdos de direitos legais, eles não casavam, não herdavam os bens da família e diante da religião, a igreja católica considerava os surdos sem salvação, ou seja, não iriam para o reino de Deus após a morte. Pode-se dizer que a condição do sujeito surdo era a mais miserável de todas, pois a sociedade os considerava como imbecis anormais e incompetentes. (SILVA, 2009 p. 2)

Ser surdo era estar condenado a uma vida de relentos e dificuldades, uma vez que a sociedade os via como seres retardados, que não eram capazes de raciocinarem de maneira eficiente.

Durante o transcorrer da história, o conceito de identidade surda foi ganhando novos significados e a maneira de tais sujeitos serem vistos transformou-se, até criar-se a língua de sinais, que ajudou os surdos a serem menos estigmatizados, tendo em vista que a língua de sinais fortifica a sua identidade, pois lhe dá o acesso a uma forma de comunicação que lhe é familiar, através dela eles conseguem se expressarem melhor.

Hoje, a língua de sinais é reconhecidamente uma língua de modalidade viso-espacial com todas as condições e características próprias. Como tal, é transparente e icônica o que significa que mesmo os que não a dominam são capazes de compreendê-la ainda que superficialmente. Portanto, é preciso que os profissionais de um modo geral, compreendam essas questões e transformem suas concepções a respeito da pessoa surda. (SOUZA & SANTIAGO, 2009 p 2)

Através dessa afirmação, podemos perceber o grande valor da língua de sinais na cultura surda, uma vez que ela possui suas características e gramática própria, bem como ser clara e objetiva para os surdos, como para os ouvintes que a conhecem.

Nesse aspecto, conhecendo o valor da língua de sinais e sua valorização na identidade e na cultura surda, podemos afirmar que ela é um dos aspectos

primordiais para o desenvolvimento da identidade surda, pois proporciona meios pelos quais os surdos possam estabelecer comunicação, como também expressar seus pensamentos e opiniões. Dessa forma, cabe observarmos que existem várias formas de comunicação, entre elas está a oral, e que a língua de sinais além de possuir um papel social na vida dos surdos, ainda proporciona-lhes uma marca identitária e cultural, através da qual os surdos se identificam como sujeitos sociais e partilham de comportamentos e conhecimentos.

Portanto, cabe às pessoas de modo geral, refletir sobre o seu conceito de pessoa surda e transformar a sua maneira de ver o surdo, vê-los não como possuidores de uma deficiência, mas como um ser capaz, possuidor apenas de uma característica diferente, a qual não os impedem de comunicar-se, haja vista, eles usaram a língua de sinais para se comunicarem, como também para expressarem seus pensamentos e opiniões.

2 O GÊNERO TIRINHA COMO REPRESENTAÇÃO DA CULTURA E IDENTIDADE SURDA

2.1 Os gêneros textuais como representação social

Os gêneros textuais estão presentes de forma marcante no nosso cotidiano. Nos meios de comunicação eles se apresentam de maneira forte, seja em programações televisivas, bem como nas redes sociais. Eles sempre são apresentados com objetivos específicos, seja para criticar ou expor uma opinião de maneira criativa, flexível e dinâmica. Como nos afirma Marcuschi (2005 p.19).

Os gêneros são entidades sócio discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa.

Concordamos com o autor, tendo em vista que os gêneros textuais são caracterizados por discursos sociais que podem ser aplicados em diferentes situações comunicativas, através dos quais podemos expressar opiniões, críticas sociais e descrever diferentes contextos de ações humanas.

Em relação ao seu surgimento e caracterização Marcuschi (2005 p.19) enfatiza que os gêneros textuais são:

Eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores a comunicação escrita.

Os gêneros caracterizam-se como textos flexíveis e criativos, transformáveis e capazes de se adequarem a determinadas situações, os quais expõem opiniões e críticas de maneira dinâmica. Eles surgem de acordo com as atividades culturais e sociais, bem como tecnológicas, isto é, quanto mais situações comunicativas surgirem, mais gêneros serão criados para atenderem as necessidades culturais e sociais da humanidade.

Nessa mesma corrente de pensamento, Schneuwly (1994) *apud* Marcuschi (2008) entende o gênero textual como um instrumento, isto é, como uma ferramenta que permite desempenhar uma ação linguística sobre o mundo real. Desse modo, os gêneros são ferramentas que conseguem descrever linguisticamente a realidade, seja de forma escrita ou oral, ou seja, eles descrevem a sociedade e suas ações socioculturais.

Existem inúmeros gêneros textuais, porém todos possuem um objetivo em comum representar as ações e pensamentos dos sujeitos sociais, dentre eles destacamos o gênero tirinha, o qual possui um caráter lúdico, que atrai a atenção de adultos, jovens e crianças, de uma maneira engraçada e atraente, porque, ao mesmo tempo em que distrai, também desenvolve a consciência crítica, pois algumas também tratam de problemas sociais.

Segundo Mendonça (2005), as tiras podem ser conceituadas como um subtipo de história em quadrinho, porém são mais curtas, possuem caráter sintético e podem ser fechadas ou sequenciais. Quanto às temáticas, algumas satirizam aspectos políticos e econômicos presentes na sociedade.

Dessa forma, as tirinhas também servem como meio de representação social, as quais expressam de maneira crítica as opiniões dessa sociedade, em alguns casos elas podem representar a identidade e a cultura de um povo ou de um grupo social distinto, mostrando os seus valores e suas diferenças.

2.2 Os traços da cultura e da identidade surda apresentada nas tirinhas: análise

As sete tirinhas que nos deteremos a analisar são uma criação do cartunista americano Matt Daigle, que é surdo, e sua esposa Kay, intérprete e atriz comediantes. Segundo o autor, muitos episódios das tirinhas são acontecimentos diários decorridos com ele, sua esposa e seu filho, que é bilíngue, domina a língua Inglesa e a ASL (American Sign Language), nome dado a língua de sinais americana. As tirinhas são postadas de início em site de autoria dos criadores das tirinhas e logo em seguida no *Facebook*. Segundo Matt, em uma entrevista a D-PAN (Deaf Professional Arts Network) o nome das suas histórias em quadrinhos, surgiu devido ao longo de sua vida ouvir as pessoas fazerem referência a ele como: That Deaf Guy (Aquele cara surdo). Com relação aos personagens presentes em suas

criações merecem destaque três: Desmond, surdo, pai de Cedric um garoto bilíngue, e Helen, esposa de Desmond, a qual é uma intérprete. ¹

Dessa forma, fica evidenciado que o próprio autor usa as tirinhas como uma forma de reafirmar a identidade surda e enfatizar as estigmatizações e preconceito sofrido pelos surdos.

A língua de sinais é um dos traços comuns e particular da cultura surda, sendo ela quem fortifica essa cultura e, por conseguinte, contribui de forma significativa para a construção da identidade surda, pois é através dela que os surdos conseguem falar e expor suas ideias.

Na sociedade atual os surdos são conhecidos como “mudos” “mudinhos”, ou aquele que não fala, porém essa ideia de surdo não falar é uma consequência do que entendemos por fala. A esse respeito, Gesser (2009, p. 55) nos afirma que: “A sociedade, de modo ampliado, concebe fala com o sentido de produção vocal-sonora. A verdade é que o surdo fala em sua língua de sinais.” Ainda segundo a autora, torna-se necessário expandirmos o nosso conceito sobre línguas humanas, como também redefinirmos os velhos conceitos para vermos outra dimensão na qual a língua é concebida como o canal viso-gestual. Dessa forma, podemos afirmar que os surdos falam através da língua de sinais e não através da língua oral, eles possuem uma maneira diferente de se comunicar.

Isso pode ser evidenciado na seguinte tira:



Tirinha 1

Percebemos nesse episódio, que Cedric mostra-nos claramente a maneira de comunicação particular dos surdos, pelo que podemos ver ele consegue expor todo o seu trabalho em língua de sinais e mostrar para a professora e os colegas o quanto ele era único, ou seja, na sua forma de falar, pois, como também podemos

¹ Informação extraída do site: < <http://d-pan.com/artists/mattandkay/>>

ver ninguém da sala demonstra conhecer língua de sinais. Revogando assim a hipótese que surdo não fala, porém reforçando a visão que o descreve como um ser diferente, que utiliza uma maneira diferente de falar (a visual-gestual).

Outra crença existente na sociedade ouvinte é que os surdos tem dificuldade de escrever por que não sabem falar a língua oral, no entanto (GESSER, 2009, p. 56) afirma que: “A escrita é uma habilidade cognitiva que demanda esforço de todos [surdos, ouvintes, ricos, pobres, homens, mulheres..] e geralmente é desenvolvida quando se recebe instrução formal”, contudo ele ainda acrescenta “ o fato de a escrita ter uma relação fônica com a língua oral pode e de fato estabelece outro desafio para o surdo: reconhecer uma realidade fônica que não lhe é familiar acusticamente” seriam então como símbolos abstratos.

Dessa forma, podemos afirmar que a escrita não se torna uma dificuldade para o surdo, e sim mais um desafio, o qual ele é capaz de superar. Na tirinha acima isso é enfatizado claramente. No terceiro quadrinho, podemos perceber a preocupação da professora, já que nem ela nem os alunos podem entender o trabalho de Cedric, pois não conhecem língua de sinais, porém no quarto quadrinho, ela é surpreendida pelo seu aluno, Cedric, quando ele diz que tinha toda a sua apresentação transcrita. Ou seja, através do pronunciamento do personagem, podemos perceber mais uma visão da cultura ouvinte sobre a surda, que não prevalece, uma vez que os surdos são sim capazes de escrever.

Na atualidade, a comunicação surda/ouvinte a maioria das vezes não flui, tendo em vista que as pessoas na sua grande maioria não conhecem a língua de sinais, e dessa forma torna-se quase impossível comunicar-se com os surdos, a não ser que o surdo saiba leitura labial ou através da escrita. Como podemos ver na tirinha a seguir:



Tirinha 2

Nessa tirinha, podemos observar que o personagem, ao chegar a um local para fazer um lanche, ocorre uma dificuldade para ser atendido, pois pelo que podemos perceber a atendente não sabia língua de sinais. O cliente para conseguir fazer seu pedido foi necessário usar a língua na sua modalidade escrita.

Hoje se fala muito em inclusão social, porém na realidade não se procura meios para colocá-la em prática, devido faltar profissionais capacitados para atender aos indivíduos que possuem alguma diferença, isso em relação aos surdos falta profissionais capacitados que dominem a língua de sinais.

Por outro lado, podemos também perceber na tirinha a falta de respeito das outras pessoas pelo personagem surdo, considerando que ele teve que anotar seu pedido, vemos que os outros clientes que estavam logo após ele, querem fazer seus pedidos sem o surdo concluir, de repente são surpreendidos pelo garoto que o acompanhava, o qual reclama por não esperarem chegar sua vez e fazerem os pedidos em “cima da cabeça do pai dele”, pelas suas expressões percebemos que ficaram envergonhados ao serem repreendidos por uma criança.

Ou seja, a tirinha acima enfatiza as barreiras que quase sempre existem para o surdo comunicar-se, no entanto também nos mostra a capacidade dos surdos em romperem com essas barreiras e adequarem-se as dificuldades do dia-a-dia e encontrarem soluções e meios para essa comunicação acontecer.

Ao nos aprofundarmos um pouco na história dos surdos, podemos perceber o quanto eles foram estigmatizados e muitas vezes proibidos de se comunicarem através da sua língua natural, fato este que os maltratavam e impediam de

comunicar-se, tendo em vista que era necessário eles aprenderem a fazer uso da leitura labial, quando desobedeciam eram castigados, como nos afirma Gesser (2009).

Isto é, os surdos eram proibidos de utilizarem a marca cultural que lhes é própria, pois os linguistas não a consideravam como uma língua. De acordo com Gesser (2009), só em 1960, ela obteve reconhecimento linguístico através dos estudos descritivos de William Stokoe, linguista americano.

A tirinha abaixo apresenta duas descrições: uma história ouvinte, a qual descreve um acidente e uma história surda que também descreve um acidente.



Tirinha 3

Ao examinarmos a tirinha minuciosamente, podemos perceber o quanto os surdos se expressam bem através da sua língua natural, na descrição surda vemos a riqueza de detalhes, o surdo é minucioso na sua descrição. Salientando que outra crença ouvinte era que a língua de sinais não possuía gramática, no entanto, se analisarmos a descrição apresentada acima podemos ver os elementos gramaticais presentes na fala surda.

Dessa forma, podemos afirmar que privar os surdos de se comunicarem em língua de sinais é tirar-lhes o direito de comunicação, haja vista eles comunicarem-se eficientemente através dela, como também, falar em língua de sinais fortifica-lhes a identidade e cultura enquanto sujeitos surdos, pois eles forjaram sua identidade como um ser capaz e integrante de uma cultura.

Vivemos em uma sociedade na qual ouvir é considerado normal, quem não ouve é estigmatizado como possuidor de um déficit, o qual para a maioria precisa ser corrigido. Nessa perspectiva Gesser (2009, p.67) afirma “O “normal” é ouvir, o

que diverge desse padrão deve ser corrigido, “normalizado”. Nesse processo normalizador, abrem-se espaços para a estigmatização e para a construção de preconceitos sociais.”.

Ou seja, quando a surdez é vista como uma deficiência e se deseja normalizar esse problema surgem as estigmatizações e os preconceitos. Essa visão ouvintista aparece de forma precisa na tirinha abaixo, na qual, podemos ver a surpresa e a pena da senhora ao saber que o homem não pode ouvir.



Tirinha 4

Dessa forma, fica evidenciado o preconceito sofrido pelos surdos em meio a sociedade ouvintista, os quais, são vistos como seres deficientes e incapazes, no entanto existe em meio a sociedade ouvinte, sujeitos conscientes, que, não veem os surdos como seres deficientes, porém apenas como seres diferentes, que usam uma língua diferente para comunicar-se como também ouvem de uma maneira diferente, ouvem com a mente, através dos olhos.

Entre os que veem e defendem os surdos apenas como sujeitos inseridos em um mundo cultural diferente, ao invés de ver o surdo como um ser deficiente, eles concebem como deficiente pessoas que não conseguem compreender que os surdos possuem uma cultura diferente, a qual é expressa através da sua maneira de falar (a língua de sinais). Isso fica evidenciado na colocação do garoto ao interrogar se a senhora sabia língua de sinais e ela afirma que não.

No decorrer da história os surdos foram alvos de grandes preconceitos, através dos quais eram impedidos de realizar tarefas comuns na vida diária, no entanto mesmo a sociedade transformando o seus pensamentos referentes ao ser surdo, ainda persistem preconceitos sem fundamentos entre os ouvintes, é

lamentável vermos em uma época moderna indivíduos que defendem esses antigos pensamentos.



Tirinha 5

Na tirinha acima, percebemos de forma clara o preconceito em relação aos surdos, nela está proposta um episódio em que uma senhora expressa sua “admiração” ao saber que Helen é casada com um homem surdo, indiferentemente da tirinha, na atualidade não é difícil encontrarmos pessoas que possuem tal opinião, acham que pelo simples fato do indivíduo ser surdo não é capaz de manter um relacionamento e construir uma família. Alguns ao expressarem essa infeliz opinião tentam camuflar preconceitos, como podemos perceber na fala da mulher no segundo quadrinho.

Os surdos sempre foram vistos como seres portadores de deficiência, termo este que possui implicações cruciais para os surdos e para aqueles que os consideram apenas como seres possuidores de uma característica diferente, esta afirmação é evidenciada no comportamento de Helen, que se mostra revoltada com a colocação da senhora ao tentar elogiá-la por ser casada com um “ portador de deficiência”.

A esse respeito Laborrit (1994, *apud* Gesser 2009,p.46) fala:

Recuso-me a ser considerada excepcional, deficiente. Não sou. Sou surda. Para mim, a língua de sinais corresponde a minha voz, meus olhos são meus ouvidos. Sinceramente nada me falta, é a sociedade que me torna excepcional.

Dessa forma, os surdos serem denominados deficientes causam-lhes dores, uma vez que é a sociedade que os torna deficiente. De acordo com Gesser (2009),

durante séculos os surdos foram privados de usarem sua língua natural para se comunicarem, tendo em vista que a sociedade ouvinte impunha-os a usarem a língua oral e a leitura labial.



Tirinha 6

A tirinha proposta evidencia as dificuldades enfrentadas pelos surdos, não só no decorrer das épocas, mas também nos dias de hoje, nos quais existem leis que asseguram os direitos dos surdos, porém na prática essas leis quase sempre não saem do papel, como a tira nos mostra, Desmond foi obrigado a aprender leitura labial, pois pelo que podemos entender os filmes não possuíam legendas.

Vale salientar que o problema não está em o surdo oralizar, se ele deseja é normal, o perigo está quando essa situação lhe é imposta conforme Gesser (2009).

Entre os ouvintes há uma outra crença em torno dos surdos, muitos creem que ouvir é melhor que ser surdo, partindo do pressuposto de que ser surdo é uma perda, como bem coloca Salles *et al* (2004, p. 36) "Os ouvintes são acometidos pela crença de que ser ouvinte é melhor que ser surdo, pois, na ótica ouvinte, ser surdo é o resultado da perda de uma habilidade 'disponível' para a maioria dos seres humanos".

Isso pode ser enfatizado na seguinte tirinha:



Tirinha 7

Na tirinha mostrada, essa crença pode ser percebida claramente, uma vez que ele apresenta um diálogo, no qual um ouvinte questiona um surdo se ele “não sente falta de ser capaz de ouvir?”, e a resposta do surdo o surpreende já que ele lhe envia a resposta junto com uma pergunta, “ Não, você sente de ser surdo?”.

Assim sendo, podemos afirmar que ser surdo não é pior ou melhor que ser ouvinte, é apenas diferente. “ É por não se tratar necessariamente de uma perda, mas de uma diferença, que muitos surdos, especialmente os congênitos, não têm a sensação de perda auditiva.” Salles *et al* (2004). Desta forma, os surdos não sentem a surdez como uma perda, porém como uma característica diferente, a qual não o torna melhor ou pior que os ouvintes, apenas diferente. É evidente que a nossa análise abarca apenas algumas situações que podem ocorrer em contextos diversificados, mas, vale salientar que o preconceito ainda existe nas diversas esferas sociais, e o gênero utilizado para nossa análise é apenas um dos diversos *corpus* existentes para outras análises. Assim, esperamos que nosso trabalho tenha possibilitado uma compreensão mais apurada, e de certa forma, chegarmos a um reconhecimento das capacidades dos surdos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As identidades sociais dos indivíduos são construídas na interação e baseada na história e na cultura, traços que contribuem e fortalecem a sua construção. Em se tratando da identidade e cultura surda, foi possível percebermos o preconceito e a estigmatização sofrida pelos surdos no decorrer da história, porém surgiram diversos acontecimentos que transformaram essa triste realidade.

Um dos fatores que mais contribuiu para essa evidenciação foi o reconhecimento da língua de sinais, que durante muito tempo foi objeto de lutas por parte dos defensores da cultura surda, através da qual os surdos poderiam se comunicar de maneira eficiente, sem sofrerem o risco de serem punidos. Vale salientar que durante algum tempo os surdos que a utilizavam eram castigados.

Ao realizarmos nossa pesquisa em relação aos traços da cultura e a identidade surda presentes nas tirinhas “That Deaf Guy”, postadas pela página do *Facebook* denominada “Surdalidade”, a qual se restringiu a nossa abordagem de estudo, podemos constatar de modo geral, na análise das tirinhas selecionadas, que mesmo acontecendo algumas mudanças em relação à maneira como os surdos eram vistos, ainda existem resquícios de preconceitos da sociedade ouvinte sobre os surdos.

Em relação aos traços de identidade e da cultura surda repassada pelas tirinhas, podemos verificar que são totalmente positivos, isto é, as tirinhas procuram desmistificar a visão do surdo como um ser deficiente e incapaz de comunicar-se e escrever. No decorrer da nossa análise, averiguamos que as tirinhas analisadas buscam construir o conceito de surdo como um ser dotado de habilidades e totalmente capaz de comunicar-se, como também um indivíduo cercado de dificuldades no seu dia-a-dia, porém que demonstra grande habilidade em quebrar essas barreiras que se apresentam na maioria das vezes relacionadas à sua comunicação.

REFERÊNCIAS

- CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- CIALDINE, Edmar. **A história da educação (linguística) dos surdos**. Língua Portuguesa, Conhecimento prático. Nº 31, 2012.
- DUBAR, Claude. **A Socialização**: Construção das identidades sociais e profissionais. Tradução Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. 1910-1989, Miniaurélio Século XXI Escolar: O Minidicionário da Língua Portuguesa/ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira: Coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; lexicografia, Margarida dos Anjos...[et al]. 4. ed. ver. ampliada.-Rio de Janeiro: Nova Fronteira,2001.
- GESSER, Audrei. **Libras, Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós Modernidade**/ Stuart Hall; Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Guaracira Lopes Louro – 10. ed. – Rio de Janeiro: DP& A, 2005.
- MARCUSCHI, Luís Antônio. Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P. MACHADO, A. R. BEZERRA, M. A. (Orgs.) **Gêneros textuais e ensino** - 4. ed. – Rio de Janeiro: Lucerna,2005.
- MARCUSCHI, Luís Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MENDONÇA, Márcia Rodriguez de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, A. P. MACHADO, A. R. BEZERRA, M. A. (Orgs.) **Gêneros textuais e ensino** - 4. ed. – Rio de Janeiro: Lucerna,2005.
- Minidicionário Houaiss da língua portuguesa/ organizado pelo instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda.- 2ed. rev. e aum.- Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- NARDI, Jean Baptiste. **Cultura, identidade e língua nacional no Brasil**: uma utopia? Arapiraca/AL: Caderno de Estudos da FUNESA, 2002.
- SALLES, Heloísa Maria M. L. *et al.* **Ensino de língua portuguesa para surdos**: caminhos para a prática pedagógica. Brasília: MEC/SEEP, 2004.
- SANTANA, Ana Paula. BERGAMO, Alexandre. **Cultura e identidade surda**: encruzilhadas de lutas sociais e teóricas. Campinas, Vol. 26, n 9 maio/agosto de 2005. Disponível em: <[http:// www.cedes.unicamp.br](http://www.cedes.unicamp.br)> Acesso em 22/01/14 às 19: 34.

SANTIAGO, Sandra Alves da Silva, SOUSA, Ana Lúcia de. **A leitura de um mundo surdo**: uma proposta de inclusão social do surdo. 2007. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/extensaocidadada/article/view/1381/1054>> Acesso em: 12/02/2014 as 10:25.

SILVA, Claudilene. A Construção da Identidade Étnico/Racial de Professoras Negras e os Saberes Mobilizados Nesse Processo. In: **Educação, Escolarização e Identidade Negra**: 10 Anos de Pesquisa sobre Relações Raciais no PPGE/UFPE. Recife: UFPE, 2010.

SILVA, Silvana Araujo. **Conhecendo um pouco a história dos surdos**. Londrina, 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br>> Acesso em 12/02/14 às 12: 27.

SOUSA SANTOS, B. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. In:_____. **Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 2000.

